

XV Congresso Brasileiro de Sociologia

26 a 29 de julho de 2011 – Curitiba - PR

GT 22: SEXUALIDADES, CORPORALIDADES E TRANSGRESSÕES

Esmiuçando vidas de homens prostitutas em Fortaleza

Maria Lourdes dos Santos

Universidade Federal do Ceará

Esmiuçando vidas de homens prostitutas em Fortaleza

Maria Lourdes dos Santos

Resumo

Este ensaio faz parte de um trabalho mais amplo e tem por objetivo apresentar alguns resultados da pesquisa empírica, que está sendo realizada com os profissionais do sexo masculino¹ em Fortaleza. O texto tem como foco principal os circuitos diurnos do centro da cidade: as ruas por onde circulam os michês e seus clientes, as estratégias por eles utilizadas para a abordagem, a transação comercial dos desejos e prazeres, os riscos e perigos de trabalhar na rua, além do anseio de partilhar outras afetividades culminadas nas poucas relações de amizade e nas redes de sociabilidades construídas. Tem-se, também, a pretensão de revelar alguns passos da pesquisa (e da pesquisadora em campo) como uma experiência singular e inédita.

Introdução

A literatura existente acerca da prostituição evidencia o estigma gerado e faz pensar que essa prática era, como já foi apresentada em vários estudos, (MAZZIERO, 1998; SANTANA, 1996; RAGO, 1992) um “mal necessário”, que deveria existir como tentativa de manter a ordem social e familiar, além de gerar a circulação de capital. As prostitutas poderiam realizar seus serviços desde que se mantivessem afastadas dos espaços de sociabilidade determinadas às famílias. Para muitos, o comportamento peculiar das meretrizes poderia influenciar na conduta das mulheres de “família”, tornando a prostituição “tolerada”, desde que, segregada ao seu local de existência. É evidente que as meretrizes não eram vistas com “bons olhos” pelas pessoas da “boa sociedade” (SIMMEL, 1993).

Inúmeras razões levaram as prostitutas a ser consideradas como de “vida fácil”, “mariposas”, “devassas”, dentre outros termos difamatórios e pejorativos, atributos estes introjetados no imaginário social e materializados sob a forma de

¹ A prostituição masculina (prostituição viril) constitui-se como temática central da minha pesquisa de doutorado, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal do Ceará – UFC.

preconceito, estigma e marginalização reforçados pela desigualdade de gênero presente na nossa sociedade.

Constata-se que o mundo da prostituição quase sempre foi percebido pela ótica da promiscuidade e do erotismo. Os personagens principais desse universo – as mulheres prostitutas – foram historicamente associados à transgressão sendo a sua prática de trabalho equiparada à vagabundagem, além de confinada, reprimida, regulamentada e controlada por policiais e médicos, sobretudo do final do século XIX ao início do século XX,

Uma visão corrente entre os médicos do período, a prostituta “tem um andar, um sorriso, um olhar, uma atitude que lhe são próprios; é preguiçosa, mentirosa, depravada (...) simpática ao álcool, despreocupada do futuro, e muitas vezes destituída de senso moral. “Tem um “apetite sexual exaltado, (...) inato e incontido, que leva a precocidades, por vezes fantásticas, na prática de perversões ou mesmo do coito.” “Limitadíssimos são os seus recursos intelectuais, raríssimas mulheres poderiam sustentar uma conversação em que seja necessário o manejo do raciocínio ou pequena contribuição lógica...” (RAGO, 1992, p.42).

A partir da década de sessenta, do século passado, o mercado erótico e a indústria pornográfica no Ocidente se expandiram, o que por sua vez, incidiu diretamente na prostituição no Brasil, com o *trottoir* ganhando visibilidade nas ruas, além do surgimento de casas de massagem, saunas, motéis e bares que fugiam das áreas anteriormente delimitadas para a prostituição (OLIVEIRA, 1994).

É dentro do contexto anterior ao período supracitado que o masculino, na pessoa do michê e do massagista, ganha visibilidade como sujeito na prostituição, contrapondo-se à figura da travesti e do gigolô, o que modificará, nas décadas seguintes, o mercado da prostituição brasileira.

No que se refere ao desejo, a novos modelos ou real espaço para o exercício de antigas e novas condutas sexuais, o homem depara-se com outras possibilidades de se relacionar sexualmente. O caminho da prostituição viril, expressão proposta por Perlongher, ainda é um fenômeno fosco, sendo pouco o que se conhece devido à resumida importância a estudos com esse caráter.

Nestor Perlongher, em 1987, publica sua dissertação de mestrado intitulada *O negócio do michê: a prostituição viril*, pondo em evidência todas as

nuances do *trottoir* masculino pelo centro de São Paulo, trazendo à baila os personagens do michê e da travesti, assim como de outros profissionais do sexo.

Para Perlongher o termo michê envolve uma dupla significação:

(...) por um lado a acepção fazer michê é utilizada por quem se prostitui (homem ou mulher) a respeito do ato mesmo da prostituição, por michê, aliás, se alude, na gíria do “mundo da noite” a uma espécie *sui generis* de oficiais da prostituição: rapazes, geralmente jovens e de aparência hiper-másculas, que prestam serviços sexuais predeterminados a varões adultos, (...) em troca de uma retribuição econômica (1984: p. 589).

O michê ou profissional do sexo que trabalha na rua atua em um campo de circulação que se alastra em territórios circunscritos, como boates, bares, saunas, cinemas e outras opções para consumo de sexo, como pontos de passagem (praças, esquinas, ruas, banheiros etc.). Face à hierarquização entre os modos de exercer a prostituição, a rua, em particular, encontra-se no patamar subalterno, condição que contribui para que os tenham suas vidas expostas, devassadas, julgadas, além de humilhações e achincalhamento. Simbolicamente, a rua associa-se à figura do “trapaceiro”, “ladrão”, “malandro”, “desordeiro”, atributos também relacionados ao prostituto, traduzindo, assim, o seu estilo de vida e que pode ser assemelhado “a vida dos homens infames” de Michel Foucault (2006).

Vale salientar que, apesar da crescente evolução observada ao longo dos anos nas ciências humanas – e nas áreas tecnológica e científica –, a prostituição e a sexualidade ainda são objetos de muita especulação, preconceitos e tabus. Basta observar as diversas reações da atualidade frente às manifestações sexuais, para se perceber o quanto tais reações permanecem imutáveis ao longo da história.

Embora a “revolução sexual” dos anos sessenta e os inúmeros movimentos objetivando o reconhecimento dos direitos humanos tenham mudado o cenário social, a sexualidade continua sendo um enigma para o ser humano e objeto de muitas discussões desde a Antiguidade; enquanto a prostituição, como definiu Perlongher (2008, p. 253), continua sendo uma “estrutura de prestação de serviços sexuais”, ao defini-la a partir do ponto de vista da troca.

A multiplicidade de manifestações que o fenômeno da prostituição abrange traz consigo uma grande diversidade de conceituações para o termo prostituto (a),

bem como uma hierarquização dessa atividade que vem determinar outras tantas nomenclaturas vinculadas ao ato de comercialização do sexo.

A prostituição é multidimensional, pois abarca o momento social, histórico e cultural, sofrendo ainda influência da construção sócio-histórica da profissão, fato demonstrado pelo preconceito social, pela violência sofrida pelos prostitutos e clientes, até mesmo quando são obrigados a não utilizar o preservativo, violando assim o direito de proteção às DSTs/AIDS.

Reconhece-se uma gama de fatores que faz a prática da prostituição ser considerada “transgressora” dos padrões normais e outros atributos depreciativos. Mesmo assim, na atualidade, alguns estudos apontam outras motivações para o ingresso e permanência nessa atividade, suscitando novos questionamentos e abordagens. Assim, devem-se levar em consideração as alternativas criadas num contexto complexo, como “prostituição ocasional” (WEEKS, 2001), “aventura romântica” (PISCITELLI, 2005), ou o sonho de uma vida nova, com projeção instantânea, de fantasias e de prazer, “uma busca do lúdico e da afetividade perdida” (BENEVIDES e GONDIM, 1998: 147). Desse modo, o motivo da breve retrospectiva é uma tentativa de trazer à baila questões presentes em estudos sobre prostituição e sexualidade, como os preconceitos e tabus gerados em torno dessas temáticas que, de algum modo, acabam por afetar alguns estudiosos ao tentarem pesquisá-las e compreendê-las.

Trazendo essa constatação para perto de nós e estudando esses temas, percebe-se que essa problemática continua despertando olhares estigmatizantes e repressivos, como informam os próprios profissionais do sexo em atividade. Se por um lado esse fato contribui para garantir repúdio e sustentar a exclusão social do segmento, por outro lado dificulta a realização de trabalhos melhor elaborados e resultados mais palpáveis, contribuindo assim para legitimar a situação de estigma. Mas, tem-se consciência de que cabe ao pesquisador encontrar os mecanismos para adentrar e percorrer caminhos, sobretudo quando se trata de temáticas instigantes. Assim, estou realizando pesquisa sobre prostituição masculina, de homens que fazem sexo com outros homens, no centro da capital cearense. Contudo, a prática, com pequenas distinções e exceções, não foge às regras das demais capitais do país.

2. As motivações para realização da pesquisa no curso de doutorado

Assim como Foucault, escolhi trabalhar com esses sujeitos devido à velha familiaridade, (já vivenciei situações com profissionais do sexo, abaixo) e algumas incompreensões, as quais, agora, tento desvendar. Entre muitas, aquela que sempre me perseguiu foi a expressão “vida fácil” citada em textos sobre prostituição e, ainda hoje, bastante usada no meio popular.

Por alguns dias convivi com uma travesti, Gisele, que se prostituía nas ruas da capital Porto Velho (RO), no final dos anos de 1980, e desde cedo aprendera a viver sob a sombra do preconceito, da insegurança, maus tratos e violência. Por meio dela tomei conhecimento sobre a vida na prostituição: o que vivenciam como o sofrimento, as agruras, humilhações, medos, as fantasias que realizam para atrair e satisfazer o cliente, seus prazeres e desejos, enfim, uma vida silenciada, recolhida a sombra da incerteza, do infortúnio, da exclusão. O sonho de uma vida melhor não se realizou. Aos 24 anos, Gisele saiu de cena, vítima de assassinato.

Tudo isso parece ser apenas a ponta do *iceberg*. Antes desse episódio, como profissional de saúde, em uma cidade no interior do estado do Ceará eu já havia vivenciado outra situação que me chamou atenção. Certa manhã, entre os pacientes que procuravam o hospital, encontrava-se uma senhora, com “infecção ginecológica crônica em fase evoluída”. Era uma mulher de “vida fácil”, do “baixo meretrício”, acompanhada por uma colega de profissão, a qual despertou mais a atenção dos presentes – pela sua postura – que o estado de saúde da paciente de nome Iolanda. Nascida em Guaratinguetá (SP), jovem, esbelta, alta, cor clara, olhos verdes, Iolanda ficou internada por alguns dias, recebeu visitas apenas das companheiras de trabalho. Um cliente seu, às vezes, ia visitá-la, sempre fora do horário convencional, alegando muito serviço, esse era seu disfarce. O estado de saúde de Iolanda agravava-se rápido e após tentar o suicídio a depressão apressou sua vida, no calor da juventude.

A vida, sofrimento e morte de Iolanda me levaram a várias reflexões sobre a existência humana, o lugar da prostituta na sociedade, as condições a que são submetidas para sobreviver, contrastando com o que eu imaginava da expressão “vida fácil”. As justificativas socioeconômicas eram diferentes do que se ouvia, uma vez que, por “vida fácil” eu entendia que seria estar numa condição de vida

melhor e não uma contraposição entre aquelas mulheres que vendiam favores sexuais por dinheiro e as outras, consideradas “mulheres direitas”, de “famílias”.

Eu não via como demérito “estar na vida”; a perspectiva de um estar “fora da vida” é que parecia-me lamentável, como se não existir ou um não estar impedisse o desabrochar da vida. Era essa a minha compreensão. Mas “fazer a vida é uma ciência, uma arte; a ousadia de criar, de se espantar, de produzir, de afetar e ser afetado pelas coisas do mundo e assim, de se permitir criar o mundo em meio às turbulências do cotidiano” (CARVALHO, 2000, p.12).

Anos depois, como profissional da saúde, trabalhei com portadores de HIV e AIDS, de 1991/1994, em uma instituição pública destinada ao tratamento da doença, em Fortaleza e foi possível observar que os pacientes identificados homossexuais eram mais estigmatizados, além de sofrerem outros tipos de violência, por conta do comportamento sexual. Minhas observações resultaram na monografia *AIDS E ESTIGMA: morte do sujeito?*, para conclusão do Curso de Graduação em Ciências Sociais, pela Universidade Federal do Ceará, em 1996.

A realidade exposta me levou a pesquisar crimes hediondos praticados contra homoeróticos. Na época, o estado do Ceará, segundo os Meios de Comunicação local, ocupava o sexto lugar no ranking nacional, em número de casos de crimes hediondos (TC, de novembro/1996). A investigação resultou na Dissertação de Mestrado intitulada “*Os sete pecados capitais do discurso jurídico: a construção do “sujeito criminoso” nos crimes contra homoeróticos*”, concluída em 2000. Essa pesquisa me levou a entrevistar alguns michês. Assim, o que pretendo agora é aprofundar o conhecimento sobre esse sujeito, sobretudo no que diz respeito à sua atividade profissional – a prostituição com o mesmo sexo.

3 A vida de homens prostitutos em Fortaleza

Garoto de aluguel – Zé Ramalho

*Baby !
Dê-me seu dinheiro que eu quero viver
Dê-me seu relógio que eu quero saber
Quanto tempo falta para lhe esquecer
Quanto vale um homem para amar você
Minha profissão é suja e vulgar
Quero pagamento para me deitar*

*Junto com você estrangular meu riso
Dê-me seu amor que dele não preciso*

Baby !

*Nossa relação acaba-se assim
Como um caramelo que chegasse ao fim
Na boca vermelha de uma dama louca
Pague meu dinheiro e vista sua roupa
Deixe a porta aberta quando for saindo
Você vai chorando e eu fico sorrindo
Conte pras amigas que tudo foi mal
Nada me preocupa de um marginal*

Alguns achados da pesquisa

“De noite eu rondo a cidade a lhe procurar, sem encontrar”... (Maria Betânia).

Estudo há algum tempo o fenômeno prostituição. Por ser uma temática polêmica, considerada transgressora, acredito que muito ainda tem-se a desvelar, pois como indica Barros (2005: p. 2) “discutir a prática prostitucional é debater a vida, a sexualidade, o amor, o sexo, as relações humanas e a sociabilidade”. Portanto, trata-se de uma temática ampla e bastante complexa.

Buscando aprofundar o conhecimento, a pesquisa empírica me levou a delimitar o “território da prostituição no centro de Fortaleza”, recortando como campo de investigação as ruas com maior movimentação da atividade, as quais são locais marcados pela ocorrência de interação e sociabilidade homoerótica. Intentava observar e conhecer o michê, entender o papel do espaço e do território em suas práticas e interações sexuais e afetivas entre homens, no cotidiano. O material empírico privilegiado nas análises deste artigo é resultado de entrevistas, bate-papos e conversas com esses sujeitos, com algumas pessoas que trabalham na área mencionada e que se disponibilizaram em dar alguma informação sobre o que pensam a respeito de homens que se prostituem com outros.

3.1 O circuito dos prazeres negociados

A área central da cidade de Fortaleza, assim como outros locais, já foi palco para prostituição e, embora tenha se tentado alterar essa realidade, empurrando os bordéis e os meretrícios para a periferia, quase nada mudou.

O entorno do Banco do Nordeste do Brasil (BNB), sede central, no centro comercial da metrópole cearense, constitui uma área historicamente freqüentada por homens que mantêm relações afetivo-sexuais com outros homens. Na área que mescla territórios de prostituição estão as Ruas Solon Pinheiro, Assunção, Floriano Peixoto, Major Facundo, Barão do Rio Branco, Senador Pompeu, General Sampaio e pelas Ruas Pedro I, Avenida Duque de Caxias, Gal. Clarindo de Queiroz e Meton de Alencar, dentre outras. São vias caracterizadas por um constante fluxo de pessoas, de diferentes localidades da cidade, que por ali transitam por motivações diversas. É um espaço de intensa circulação, de muitos afazeres e ocupações, de movimentação contínua e instantânea, ao mesmo tempo, policiada, vigiada. Nesse espaço, alguns casarões antigos abrigam atividades vistas como indecentes, por darem margem ao exercício das práticas “erráticas” e das sexualidades “desviantes”. Trata-se de um território mais ou menos circunscrito, cujos pontos são restaurantes, bares, boates, saunas, cinemas pornô, motéis e outros ambientes de lazer consumista, como os locais de passagem e perambulação: praças, avenidas, esquinas, ruas etc.

Esse “circuito” (MAGNANI, 2002), de trocas eróticas, envolvendo jovens michês, é bastante significativo, sobretudo para os que trabalham na rua, por se localizar no “coração da cidade”, área para a qual convergem interesses, gostos, “desejo não convencional, o lugar onde as paixões indisciplinadas, reprimidas, sublimadas encontrariam vazão” (SIMÕES, 2008, p. 541). Nesse circuito é possível observar rapazes másculos e viris que vagueiam pela urbanidade, perdidos ou não, porém movidos pelo desejo socialmente proscrito. Portanto, é preciso um lugar para dizer o que se vive no corpo e de forma excessiva, caso contrário, resta o silêncio, o exílio, a fuga, a errância ou tornar-se máquina. Suas ruas abrigam ambientes para se conjugar sexo e amor.

Destacam-se, também, como propícios às atividades prostitutivas, alguns trechos da Avenida Beira-Mar (da esquina da Rua Dias Ribeiro, seguidas das esquinas da Avenida Barão de Studart e das Ruas José Vilar e Nunes Valente) por abrigar uma variedade de estabelecimentos comerciais destinada ao lazer noturno, propiciando encontros amorosos, inclusive por “se adequar aos padrões e estilos mais tidos como dominantes na cena gay da cidade, que conformam os corpos desejáveis” (SIMÕES, 2008, p. 3). Trata-se de uma área marcada pela

pluralidade sociocultural de seus habitantes, com expressiva adequação àqueles que, por razões distintas, vendem desejos, sexo, sonhos: rapazes comercializam o corpo, amam, negociam prazer, e, por vezes, desejam o indesejável.

Os jovens prostitutas que por ali transitam elaboram suas experiências sensoriais e afetivas, propiciadas pelo erotismo e pelas ações baseadas nos seus corpos. Nestes circuitos, eles engenam e distribuem afetuosidades obscuras, irrelevantes, ou mesmo transgressivas, ou seja, capazes de romperem limites, cruzarem fronteiras e ultrapassarem o proibido, de algum modo assemelhando-se ao que foi percebido por Foucault, ao referir-se a “hipótese repressiva” no regime disciplinar, afirmando que a sexualidade não foi proibida, reprimida, mas exposta, explorada e manipulada (1997, p.13), como assim parece acontecer com o comércio do sexo, na atualidade.

Partindo dessa compreensão, Foucault constrói uma nova hipótese acerca da sexualidade humana, que não deve ser concebida como um dado da natureza que o poder tenta reprimir. Deve, sim, ser considerada como resultado do enlace e estímulo dos corpos, da intensificação dos prazeres, da incitação ao discurso, da formação dos conhecimentos, do reforço dos controles e das resistências.

Foucault também mostra que a concepção moderna de sexualidade designa uma série de fenômenos que englobam tanto os mecanismos biológicos da reprodução como as variantes individuais e sociais do comportamento, o estabelecimento de regras e normas apoiadas em instituições (pedagógicas, religiosas, judiciárias e médicas), assim como as mudanças na maneira pela qual os indivíduos dão sentido e valor à sua conduta, seus deveres, sentimentos prazeres e sonhos.

Esse autor nos leva a compreender que a sexualidade não é um fenômeno natural, ao contrário, é suscetível às influências sociais e culturais, ou seja, produto de forças sociais e históricas. Desse modo, cabe à sociedade e à cultura definirem se determinadas práticas sexuais são apropriadas, saudáveis ou não, morais ou imorais etc. Assim, a história da concepção de corpo e sexualidade é a mesma dos sistemas de valores fundamentais em cada sociedade.

Ao escrever sobre o tema da proibição em seu *Prefácio à transgressão*, em 1963, Foucault observa que o que caracteriza a sexualidade moderna é o fato de ter sido lançada num espaço vazio, onde só pode se definir e ganhar forma no

limite “já que ela aparece como o único conteúdo absolutamente universal do interdito; limite de nossa linguagem” (2006, p. 28).

Tentando perceber a vida dos profissionais do sexo parece que, em parte, eles também podem ser considerados neste vazio, sobretudo quando a ação se resume à exposição de seus corpos e prazeres mais íntimos, no escuro das ruas, dos cines pornô, no calor das saunas e mais. Assim, o garoto e o cliente são carregados para o tempo das ações pulsantes, numa montagem pontuada pelas sensações, sonhos, desejos e delírios que vão brotando neste tempo. Pode-se então dizer que os corpos desses sujeitos acabam por realizar uma performance desejante, ou seja, de sensações e delírios percebidos, sentidos e vividos, “vamos viver tudo o que há pra viver, vamos nos permitir” da música de Lulu Santos e Warner Chapell.

Ao discorrer sobre a vida dos homens infames Foucault (2006, p. 207) informa: “para que alguma coisa delas chegue até nós, foi preciso, no entanto, que um feixe de luz, ao menos por um instante, viesse iluminá-las”. Diferente do que estamos observando, a rua é o local da surpresa, do encontro, do estranho, é a vitrine para que corpos másculos, porém reais, embora algumas vezes revestido de fantasias, sejam exibidos e cortejados. São “experimentos infames em suas rondas sem fim frente às práticas glorificadas dos comuns, dos alheios, dos marginais, sempre também *reterritorializados*” (GARCIA, 2008, p. 7).

A rua é o lugar de todos e de ninguém. Nela somos transeuntes, usuários e passageiros. É o palco para o acontecimento, o lugar da atração, da ostentação, onde se dá o social, como se em “Um espetáculo que permite assumir certas identidades, desempenhar determinados papéis e, até certo ponto, escolher os enredos dos quais vai participar”, conforme Regina Helena A. da Silva sobre o assunto (2003, p.05). Mas, a rua é, também, o lugar do medo, frio, insegurança, dúvida, de ganhar, perder e se perder. Para Perlongher, “a rua, ‘microcosmo da modernidade’ (Lefebvre, 1978), torna-se algo mais do que mero lugar de trânsito direcionado ou de fascinação espetacular perante a proliferação consumista: é, também, um espaço de circulação desejante”, de ‘errância sexual’ (Mafesoli, 2001)” (PERLONGHER, 2008, 165-166).

Em minhas andanças por esses corredores urbanos, acompanhada por algum informante ou sozinha, venho observando, conversando e entrevistando

rapazes que vivem na/da prostituição; ouvindo transeuntes sobre o que eles pensam sobre o estilo de vida desses jovens. Nesse sentido, nossa metodologia apresenta semelhança com outras pesquisas, pois como lembra a pesquisadora Maria Elvira Díaz-Benítez, a maioria das investigações sobre sexualidades realizadas no país “têm como base metodológica entrevistas, conversas e questionários” (DÍAZ-BENÍTEZ, 2009, p. 16).

Na investigação tenho verificado como algumas pessoas observam esses indivíduos. Alguns os olham com naturalidade, aproximam-se, dialogam, trocam idéias, confabulam. São pessoas que os conhecem, sabem sobre suas atividades e não os ignoram, nem os discriminam. Tantos outros são indiferentes, invisíveis e aparentemente não manifestam qualquer expressão que sinalize uma possível aproximação. Mas existem aqueles que expressam uma espécie de estranheza, indignação ou reprovação gratuita.

Por se tratar de uma atividade que apresenta particularidades distintas, muitos adotam práticas nômades com sua deriva pela metrópole, por mais de um circuito, transitando pelas saunas, cines pornôs, bares, ruas e outros. Assim é a vida desse contingente humano, uma constante deambulação e busca do sexo pago, do prazer negociado.

O “negócio do michê” parece está realmente inscrito na área dos desejos, requerendo, portanto, um agenciamento, um contrato, com preços previamente estabelecidos, nas condições do mercado. Ambas as partes buscam, nessa troca – do dinheiro pelo sexo –, saciar suas necessidades, realizar desejos, vivenciar prazeres, fantasias: o cliente busca o gozo sexual, e o michê a garantia de sobrevivência, além da busca de alternativas, sobretudo, de outra posição social. E enquanto essa mudança de estilo de vida não chega, ele continua vendendo-se a qualquer preço.

Embora haja a dicotomia entre sexo e sentimento amoroso na relação homens com homens, há também a possibilidade da vivência de alguma forma de afetividade, de prazer sexual e intimidade entre o michê e seus clientes, evidenciando, desse modo, que o prostituto não é apenas uma personificação do sexo, mas um sujeito que possui sensibilidade, sentimentos, emoções, sonhos. Porém, as manifestações de não aceitação de práticas prostitutivas foram e ainda

são percebidas de maneira preconceituosa, uma vez que a prática continua tendo uma aura negativa por produzir discriminação, constrangimento, estigma.

É interessante destacar que a discussão desse fenômeno não é nenhum privilégio, novidade e, em que pese os riscos e perigos vivenciados por esses profissionais, eles imaginam e até buscam outras possibilidades que os levem a viver de maneira menos perigosa. Para tanto, aqueles em melhores condições de vida usam o celular, a Internet com *sites*, blogs, MSN etc., para contatar o cliente.

Convém lembrar que pesquisar *michês* não é um exercício fácil, haja vista se tratar de um sujeito nem sempre acessível à observação, diálogo e busca de informação; muito menos um ator que surge aos nossos olhos com possibilidade de ser visto e reconhecido como tal em meio à multidão da rua. Empreender uma análise tentando conhecer esse sujeito está sendo um exercício ímpar: de paciência, de coragem frente aos olhares enviesados, de medo dos clientes machistas e preconceituosos e, sem dúvida, difícil por questões que parecem “fugir à regra”, pois como não faço parte desse universo (não sou usuária/cliente), os obstáculos aparecem para uma “estranha no ninho” (HEILBORN, 2003), ou fora dele. Mas, a persistência e o cuidado são meus aliados na hora de pedir para gravar as entrevistas narrativas, quando os acompanho em suas andanças pelas áreas de atuação. Tenho seguido os ensinamentos de Oliveira (1996) quanto à importância do olhar, ouvir e escrever; Simonian (2000) sobre o perguntar e o sentir, quando em “territórios marginais” (PERLONGHER, 2005), principalmente nos cines pornô, local onde tenho conquistado confiança, simpatia e suportado, sem provocar desconfiança, os odores de urina, de bebida e fumaça de cigarro, em meio à escuridão do ambiente.

Em muitas ocasiões o silêncio tem me ajudado a fazer esse exercício. Em outros momentos tento ser próxima e solidária. Alguns me falam sobre suas vidas fora do “circuito”, da família, da namorada etc., outros pedem informações sobre doenças e outros temas. Assim, adotei uma das estratégias metodológicas usada por Hélio Silva (2007), ou seja, procuro não ser apenas mais uma pesquisadora: permito-me ser confidente em um universo que, até pouco, era absolutamente distante e desconhecido. Os informantes, lentamente, foram me narrando seus problemas, uma espécie de convite para adentrar em sua intimidade, conhecer suas dificuldades, o outro lado de suas vidas. Por tudo, sou profundamente grata.

3. 2 O som que vem da rua: o que dizem os garotos de programa sobre si

Algumas falas me chamaram a atenção no que diz respeito à vida desses homens, pois eles têm me apresentado questões imprescindíveis para análise da atividade: dúvidas que foram surgindo e que precisavam ser dirimidas; o desejo de uma observação mais criteriosa quanto às suas preferências, os lugares nos quais se expõem para garimpar, as suas relações com os clientes – já que, na intimidade –, a prostituição continua tabu.

Algumas questões não poderiam ser entendidas apenas por meio de teorias, de modo que, recorrer à entrevista com alguns prostitutos e com algumas pessoas que dizem ter conhecimento sobre a atividade foi um dos recursos utilizados. Quanto às informações que os depoentes concederam assemelham-se as apreendidas por meio das leituras feitas sobre a temática e estão corroborando para o exercício de aproximação da fonte real (os garotos), e de fonte secundária (aqueles com os quais eles mantêm alguma proximidade), com o cuidado de não esquecer suas singularidades, assim como de persistir na fundamentação do estudo, por meio da análise desses depoimentos.

Bruno², 19 anos, estudante universitário

Eu era adolescente, 16 anos, queria me livrar de ter que ouvir certas humilhações da minha mãe. Prometi-me que quando eu fizesse 18 anos eu iria embora de casa e nunca mais ninguém iria me humilhar. Eu saía muito nos finais de semanas. Conheci um amigo, percebi que ele tinha tendência a ser travesti e pensava em ir pra Itália colocar seios, essas coisas que travesti quer para praticar atividades sexuais por dinheiro. Eu falei pra ele que também queria ir pra Itália. Um dia, fomos à praia, na beira-mar, onde ficam os garotos, a experiência nós tivemos lá, ficamos sentamos e acabou chegando um rapaz e querendo. Saímos e no dia seguinte voltamos e foi a mesma coisa. Eu tava precisando de dinheiro pra ir pro colégio, pois estudava distante de casa e nunca gostei de pedir, eu preferi me submeter ao relacionamento com pessoas estranhas que ter que pedir a irmão, a mãe. Decidi ir à luta. Quando fiz 18 anos, minhas irmãs estavam em Natal, praticando a mesma atividade, fui pra lá. A primeira noite foi estranha porque o cara era muito exigente e eu inexperiente, não sabia direito nem como falar, mas, desenrolei. Dois meses em Natal foi legal, ganhei uma grana, não se ganha muito, mas comprei roupas, almoçava, lanchava com o meu dinheiro, podia gastar com o que fosse. (...) Meus cliente são homens casados, de 40, 50 anos,

² Todos os nomes de pessoas informantes que aparecem neste artigo foram modificados para preservar o seu anonimato.

perfil mais discreto. Eu agrado porque tenho o conjunto, papo agradável, corpo bonito, trato bem as pessoas e tento satisfazê-las na cama. Os que pagam mais transam menos e tratam melhor, são empresários, têm dinheiro. Essa é a vida que eu levo, mas uma vez puta, sempre puta, e o problema não é ser puta é sentir-se puta, sentir-se desvalorizado pela profissão, é sentir-se menos por fazer isso, é sentir-se marginalizado por causa disso (Entrevista em 29/ outubro/ 2009).

Rafael, 24 anos, auxiliar de serviços gerais

Eu caí na vida de prostituição, de profissional do sexo com 14 anos. Não é fácil porque existe todo tipo de cliente: os que pagam o motel e depois não querem pagar o programa depois do que você fez. Comigo já aconteceu assim: o cara disse: eu não vou lhe pagar e saia do quarto porque sou policial, sou autoridade, se retire você não é ninguém, não é nada (...). Eu já dispensei cliente que a gente chama de “pé de checheiro”, é o cliente que diz que vai fazer isso com você, tratar como príncipe e quando chega a hora H, ele é zero. Então o cara só paga o motel. Eu disse, cara me dá pelo menos R\$ 10,00 reais pra eu pegar uma moto táxi, eu perdi o meu tempo com você. Eu dou uma bronca nele. Se você não tinha condição, porque fez isso? Eu já cheguei até a esse ponto. Outra vez, saí com um cara e falei que o programa era R\$ 30,00 (Trinta reais). Dizendo ser fazendeiro, fomos para um sítio. Lá chegando ele foi visto pelo verdadeiro dono. Para despistar o patrão ele passou a me ofender, com palavrões. Quando eu desci do carro ele deu ré, me chamou de “filho da puta”, garoto de programa de merda e foi embora. Não me deu nenhum centavo. O pior foi a vergonha de sair pedindo dinheiro pra estranhos para pagar o ônibus. (Entrevistado em 11/agosto/ 2010).

Marley, 28 anos, não tem outra atividade

Eu caí no mundo da prostituição com 20 anos, hoje tenho 28 anos. Faço esquina nas Ruas Clarindo de Queiroz, Meton de Alencar, Abolição e Beira-mar. Faço cine e não trabalho em saunas. Na rua, o cliente pede para você ficar excitado e mostrar o pênis para que ele possa comprovar se é aquilo que estou falando. Já nos cinemas acontece de você fazer um jogo de sedução: você abraça o cliente, beija, faz carinho, tudo isso para comovê-lo e ele se convencer e ir para a cabine com você e fazer o programa. Não é nada fácil. O pior dessa atividade é quando você se depara doente, porque com saúde ou sem saúde, você tem que sair em busca do dinheiro, porque como você está todo dia na rotina, de repente um cliente liga e, para você não perder aquele cliente, você se obriga a sair mesmo com febre, gripe, doente. Você tem que está pronto para atendê-lo em seus desejos, realizar suas fantasias. Tenho clientes que gostam de ficar fazendo carinho na gente, gostam de ser acariciados e passam horas te abraçando, acariciando. Mas, têm aqueles que te destrata, agride, põe arma, não lhe paga. Teve cliente de não me pagar e me deixar no motel com a conta para pagar e eu sem nenhum centavo. Ele disse que ia ali e não voltou mais. Homens já botaram armas na minha cabeça por eu me exhibir na rua e tudo mais. Embora seja uma vida difícil, sonho em encontrar alguém com quem eu possa dividir meus dias e possamos construir algo junto; dar a minha família uma vida que eles não conhecem, com conforto, comer uma comida boa, usar uma roupa boa, um perfume bom, ir a um ambiente legal. Essa é uma parte da minha história. (Entrevistado em 01 de abril de 2011).

Contrariando o que sempre se ouviu de que os/as prostitutas/as são pessoas de “vida fácil”, os relatos apresentados não só colocam por terra essa afirmativa, como mostram, de maneira clara, as agruras a que estão submetidos, as humilhações vivenciadas, os riscos enfrentados, a luta pela sobrevivência. O michê é, ao mesmo tempo, o próprio trabalhador e o seu instrumento de trabalho.

Discorrendo sobre o trabalho do michê Pinel afirma que

Torna-se evidente que o trabalho do michê, inscrito no terreno dos desejos e negócios (carência econômica), está muito mais relacionado com a origem negativa do próprio termo. Ser explorado. sujeitar-se a. O trabalho em geral, e quando da sua vivência dolorosa, pode levar o sujeito a alienar-se. Tornar-se estranho. Se o desemprego ameaça e obriga a muitos fazerem o que não gostam, podemos imaginar o que a michetagem pode trazer de impacto maléfico no jeito de ser, de pensar e de agir do michê (PINEL, 2003; p. 82).

A prostituição é uma atividade que beira a marginalidade. Neste sentido, os profissionais do sexo, em geral e, os michês, de modo particular, encontram-se às margens do processo econômico oficial, principalmente, aqueles que trabalham na rua, por serem considerados os mais expostos aos riscos de violência, aos clientes que não pagam o programa e ainda os humilha, a exposição corporal pública e outros.

3.3 E as outras pessoas: o que elas pensam sobre eles?

Para a senhora Creusa, usuária da lanchonete localizada na parte da frente do Cine Betão (Rua Pedro I, nº 357, centro),

Esses rapazes não têm Deus na vida, vivem na maior miséria e preferem fazer sexo com outros homens (...) isso é muito errado, uma pouca vergonha, safadeza de quem quer dinheiro sem trabalhar. Tem gente que vive apertado, ganha salário, paga aluguel e consegue viver porque tem decência, dignidade. Esses rapazes são uns doentes. Eu penso que não é coisa de gente normal. (Entrevista realizada em 12/maio/2010, Praça do BNB, centro).

Já o senhor Paulo, taxista que me levou algumas vezes para os lugares considerados “territórios marginais” (FOUCAULT, 2005), deu-me informação

sobre o comportamento dos michês, sugerindo que eu procurasse conversar com eles para ganhar confiança, amizade, para facilitar o meu trabalho. Em suas conversas ele comentava sobre o que via na rua, sobretudo quando trabalhava depois de 22h, na Avenida Beira-Mar e na Rua Clarindo de Queiroz, como:

Já vi muita marmota aqui. Às vezes, fico me perguntando como é que esses rapazes suportam certos clientes, pois pelo fato de pagarem eles são abusados, ignorantes, uns são sujos, asquerosos, arrogantes. Tem garoto aí que eu penso que não agüenta, não. Tem uns rapazes bem vistos, de boa pinta, mas, francamente, o que eles fazem para ganhar grana chega a ser impressionante. Algumas vezes eu faço corrida pra eles e acho que são peitudos e corajosos. Parecem até não terem nada pra perder (Entrevista realizada em 10 de março de 2010).

No campo sempre me esbarro ao inusitado.

Um fato ocorrido em 21 de novembro de 2011 merece destaque. Eu aguardava o telefonema de um informante para combinar a conclusão de sua entrevista. Ao me telefonar percebi sua preocupação, desespero, voz trêmula, palavras entrecortadas. Perguntei-lhe o que estava acontecendo e ele falou que acabara de ser informado de que um colega seu tinha sido encontrado morto. O jovem estava sem condições emocionais para ir ao velório do amigo, e eu ofereci-me para acompanhá-lo. Lá chegando pude perceber tamanha miséria. O corpo esquelético, sobre uma porta apoiada por tamboretas, logo no primeiro dos quatro cômodos do minúsculo casebre. Sua mãe, já com pouca voz e aos prantos, dizia que seu filho morrera de hepatite. Aos poucos foram chegando os colegas de profissão e, em voz baixa, comentavam que a causa da morte seria overdose, pois usava crack. A solidariedade veio a galope. Esses colegas se cotizaram para comprar o caixão, pois não havia necessidade de trocar a roupa que vestia. No dia seguinte, com pouco choro e sem vela, ele foi sepultado, sem qualquer honraria, coroa de flores, tiros para o alto, coros musicais, sacerdote para recomendar a alma. Era o fim de uma vida que começara a pouco.

Comparativamente à compilação da infâmia analisada por Foucault,

Vidas que são como se não tivessem existido, vidas que só sobrevivem do choque com um poder que não quis senão aniquilá-las, (...) apagá-las, vidas que só nos retornam pelo efeito de múltiplos acasos, eis aí as infâmias das quais eu quis, aqui, juntar estes restos (2006, p. 210).

Poderíamos apresentar vários recortes ou pedaços de vidas, com eventos semelhantes, mas a exaustividade não esgotaria a possibilidade de algo novo, ainda não dito, uma vez que cada indivíduo é senhor de si, dos seus atos, ações, escolhas, estilo de vida e comportamento sexual.

Não é pretensão elaborar um dossiê, com narrativas comuns. A opção pela pesquisa em curso e por este ensaio é muito mais do que uma busca: meu esforço, empenho, curiosidade, encontro, surpresa, convívio permanente com o fantasma do medo, da insegurança, do receio e da timidez ou de qualquer outro sentimento, é nutrido pela efervescência da descoberta. Devo informar que, os poucos momentos de alegria, despojamento e risos, são como bálsamo. Somam-se a tudo isso as companhias legais, as novas amigadas e o aprendizado. Tudo se resume na tentativa de revelar existências tímidas, estigmatizadas, socialmente lançadas em um poço, afastadas, algumas vezes, do seio familiar, aniquiladas, incompreendidas ou sufocadas pelo silêncio fora de época.

A pesquisa tem me levado a perceber como é viver às margens da sociedade, além de me fazer abrir os olhos para visualizar o que ainda se encontra “por debaixo dos panos” (Ney Matogrosso) da sexualidade e do sexo, assim como o estigma expresso por meio da rejeição social (GOFFMAN, 1988), como que se permitindo, embora em parte, que se compreenda a condição humana na contemporaneidade.

3.4 O que os fragmentos das vidas apresentadas têm em comum

Sair com vários homens, não escolher os parceiros, cobrar pelos serviços, expor a intimidade, negociar prazer, enfim, são pessoas que praticam sexo, de modo impessoal, tendo em vista ganhar dinheiro ou qualquer outro bem. Além do “risco” social, são lançados em um fosso moral profundo.

São homens que se arriscam no negócio, cujas características são o gosto pela aventura, pelo estranho, pelo desconhecido. Vão à busca do prazer libidinal e conhecem os espaços geográficos por onde devem circular, derivar. Todo esse nomadismo é desejanter, arriscado, orientado pelo desejo do ato sexual, mediante alguma troca, algum bem material ou outro benefício.

Assim, o percurso em andamento vem atravessando caminhos tortuosos, cartografias das margens, por espaços que guardam semelhanças com aqueles denominados por Foucault de heterotopias (2006, p. 415), onde figuram os fora da ordem, os sujeitos subversivos ou os que ocupam o espaço em seus limites. Este tem sido o meu *metier* para entender o papel destes atores em seu contexto e o modo como estão representados na cidade em que vivem.

Os recortes de vidas “errantes” apresentados estão envolvidos por desejos, porém construindo suas histórias singulares e, aproximam-se, seja pelo registro que delas está sendo feito, pelas condições em que se encontram ou pela maneira como a sociedade os trata, como vidas infames. Não se sabe ao certo a intensidade dos acontecimentos que os rodeiam, suas histórias e “poemas vidas” (FOUCAULT, 2006, p. 205), que muitas vezes misturam beleza e assombro, tragédia e comédia.

Por fim, pode-se dizer que os michês que se encontram em condição mais subalterna por trabalharem na rua, pela pobreza material em que vivem, (diferentemente dos “Garotos de programa” de classe média, portanto, situados em outro patamar social) poderiam ser caracterizados pela obscuridade e infortúnio, por se encontrarem distantes da fama, holofotes e possibilidade de alçarem vôos altos.

Algumas considerações

Os recortes feitos nas entrevistas, embora pequenos, foram suficientes para mostrar a importância do observar, ouvir e buscar uma compreensão sobre o estilo da difícil “vida fácil” de homens que se prostituem com outros homens, na cidade de Fortaleza, evidenciando que ainda há um caminho longo a ser explorado.

Seguramente, os estereótipos que predominam sobre os profissionais do sexo, michês ou garotos de programas se opõem ao silêncio sobre a outra parte envolvida no comércio sexual, os clientes, pois a prostituição envolve os dois lados, de quem utiliza e o de quem é utilizado. Entretanto, o prostituto permanece em desvantagem social, pois a ele cabe todo o adjetivo pejorativo, tornando-se um ser considerado perversível e anti-social.

Esses rapazes, aparentemente infames, por conta da atividade que realizam, das práticas que preenchem o seu cotidiano, das infrações que lhes atribuem, eles são seres humanos, embora as razões dessa fama sejam inversas às aquelas que fazem ou poderiam/deveriam fazer a grandeza dos homens (FOUCAULT, *Ibidem*, 210). Eles existem, são reais, podem encontrar outra atribuição e ganhar a vida com um trabalho que possam enaltecê-los. São jovens e, encontrada a oportunidade que buscam, quem sabe, darão outro rumo às suas vidas.

Porém, deve-se lembrar que, na atualidade, “A diversidade sexual, embora ainda encarada como perversão por muitos grupos hostis, saiu dos cadernos de anotações dos registros de casos de Freud para o mundo social cotidiano” (GIDDENS, 1993: p. 44). Basta abrir a porta e olhar o mundo em sua volta.

E mais do que isso.

O momento é oportuno para se continuar usando a linguagem “cuja tarefa não é mais cantar o improvável, mas fazer aparecer o que não aparece - não pode ou não deve aparecer” (FOUCAULT, 2006, p. 220). Então, aqui reside o meu desejo e prazer em realizar este trabalho: “ir buscar o que é o mais difícil de perceber, o mais escondido, (...) finalmente o mais proibido” não para dar voz aos sujeitos da pesquisa, mas, com o intuito de “aí descobrir as figuras solenes do destino” (*Ibidem*, 221), lembrando que mais do que qualquer forma de linguagem, a literatura continua e continuará, talvez, sendo o discurso da “infâmia”, a ela correspondendo dizer o indizível, o secreto e o intolerável.

Para pesquisar esse tipo de negócio é indispensável ter cuidado, ética e compromisso, sobretudo com o que se diz sobre o modo de viver desses atores. Desse modo, deve-se tomar como exemplo, a “A vida dos homens infames” Foucault (2006, p. 203-222). A análise dessa obra nos ajuda a polir as lentes, no sentido de nos fazer ver e crer que a sociedade brasileira, apesar das mudanças sofridas no que refere à conduta sexual, nas últimas décadas, com a quebra de alguns mitos e tabus, ainda assim, perdura a obrigação social da invisibilidade expressada nos silêncios que atravessam a história. Contudo, são esses silêncios que caracterizam as relações entre indivíduos estigmatizados ou expostos às sanções morais dessa sociedade que, ao desrespeitar os diferentes os tornam desiguais, levando-os a esquadriharem territórios, a produzirem códigos, a

criarem linguagem própria e mecanismos de subsistência para se manterem ativos no mercado.

Assim, permanece a nebulosidade em torno das sexualidades ilícitas em oposição às sexualidades consideradas lícitas, e o controle dos comportamentos, através de ameaças de exclusão.

Contudo, quero crer que nem os motivos apresentados ou quaisquer outros podem levar esses sujeitos/prostitutos a serem tratados como a Geni: "Joga pedra na Geni, joga pedra na Geni, ela é feita pra apanhar... como canta Chico Buarque de Holanda.

REFERÊNCIAS:

BARROS, Lúcio Alves de. Mariposas que trabalham. Uma etnografia da prostituição feminina na região central de Belo Horizonte. *Jus Navigandi*. Teresina:ano 9, n. 827, 8 out. 2005. Disponível em <http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=7356>. Acesso em: 26 out. 2010.

BENEVIDES, Ireleno P.; GONDIM, Linda M. P. (1998). "Prostiturismo" feminino em Fortaleza: um encontro de Cupido com Mercúrio? In: BENEVIDES, Ireleno P. *Turismo e PRODETUR: dimensões e olhares em parceria*. Fortaleza: EUFC.

DÍAZ-BENITEZ, María Elvira. *Nas redes do sexo: bastidores e cenários do pornô brasileiro*. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro, 2009.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

_____. Prefácio à transgressão. In: *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. MOTTA, Manoel Barros (Org.). Tradução Inês Autran D. Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. Ditos e Escritos III. p. 28-46.

_____. A vida dos homens infames. In: *Estratégia, Poder-Saber*. MOTTA, Manoel Barros (Org.). Tradução Vera Lúcia A. Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. Ditos e Escritos IV. 2006, pp. 203-222.

_____. Outros Espaços. In: *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. MOTTA, Manoel Barros (Org.). Tradução Inês Autran D. Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. Ditos e Escritos III. p. 411 – 422.

GARCIA, Paulo C. Outras trocas afetivas na parceria de amizades masculinas na ficção de João Gilberto Noll. In: *Fazendo Gênero 8. Corpo, Violência e Poder*. Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008, p 1-8.

GIDDENS, Antony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1993.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

HEILBORN, Maria Luiza. "Estranha no ninho: geração, tempo e sexualidade". In: VELHO, Gilberto & KUSCHNIR, Karina (Orgs.), *Pesquisa Urbana: desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2003.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais* v.17, n. 49, 2002, pp.11-29.

MAZZIERO, João Batista. Sexualidade criminalizada: prostituição, lenocídio e outros delitos - São Paulo 1870 -1920. *Rev. Bras. Hist.* V.18 n. 35. São Paulo: 1998.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996.

OLIVEIRA, Neuza Maria de. *Damas de paus: o jogo aberto dos travestis no espelho da mulher*. Bahia, Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.

PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê: a prostituição viril*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

_____. Territórios marginais: In: *Na sombra da cidade*. MAGALHÃES, Maria Cristina Rios (Org.). São Paulo: Editora Escuta, 1995, p. 81-116.

_____. *O Contrato da Prostituição Viril*. In.: *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. v. 37. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, Abril/Junho de 1985.

_____. Amor e comércio na prostituição viril. In:

<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf01984/T84V01A25.pdf> Acesso em 05 de janeiro de 2010.

PINEL, Hiram. *Educadores da noite; educação especial de rua, prostituição masculina e a prevenção as DST/AIDS*. 2 ed. [Livro em CD-Rom]/Hiran Pinel. Belo Horizonte (MG): NUEX-PSI Editorial, 2003.

PISCITELLI, Adriana. Gênero e Racialização no Contexto de Relações Transnacionais - Comentários a partir de uma leitura das relações presentes no Turismo Sexual em Fortaleza (Ceará, Brasil, 2005). In: www.lpp-uerj.net/olped/documentos/ppcor/0274.pdf. Acesso em 30. agosto. 2006.

_____. Gênero no mercado do sexo. *Cadernos PAGU*, (25), Campinas, julho-dezembro de 2005, pp. 7-23.

RAGO, Luiza Margareth. Imagens da prostituição na *belle époque* paulistana. Artigo apresentado na Conferência Internacional sobre Moças, Alice in

Wonderland: Transitions and Dilemas, realizado em Amsterdã, entre 16 e 19 de junho de 1992. Disponível em <http://ieq.ufsc.br/admin/downloads/artigos/03112009-103553.pdf>. Acesso em 8.nov.2010.

SANTANA, Nélia de. Prostituição feminina em Salvador, (1900-1940). Dissertação de mestrado, UFBA, 1996, P. 56.

SILVA, Regina Helena Alves da. (2003). Espaço urbano, espaço da comunicação. Trabalho apresentado no Núcleo de Comunicação para a Cidadania, – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM – XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – BH/MG – 2 a 6 de setembro de 2003, p.01-10.

SIMMEL, Georg. *Filosofia do amor*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SIMÕES, Júlio Assis. Sexualidade, gênero, cor/raça e idade em lugares de sociabilidade homoerótica em São Paulo. Artigo apresentado no ST 18 - Interseccionalidades e produção de diferenças e desigualdades, Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008, pp. 1-7.

_____. O negócio do desejo. *Cadernos PAGU*, jul.-dez.de 2008, pp. 535-546.

SILVA, Hélio. *Travestis: entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira L. (Org.); Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 36-82.

Referências Discográficas

BETÂNIA, Maria, VANZOLINI, Paulo. *Ronda*. 1978. Polygram, Rio de Janeiro. 3.39

CHAPELL, Warner. SANTOS, Lulu. *Tempos modernos*. 1982. WEA, Rio de Janeiro. 4,17

HOLANDA, Chico Buarque de. *Geni e o Zepelim*. 1977-1978. Polygram/Phillips. Rio de Janeiro. 5.30

RAMALHO, Zé. *Garoto de aluguel (Táxi boy)*. 1980. *Epic (CBS - Sony Music)*, Rio de Janeiro. 3.03

MATOGROSSO, Ney. *Por debaixo dos panos*. 1982. PolyGram/Universal Music. Rio de Janeiro. 2.21.